

## **A INTERVENÇÃO NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL**

Lidianne da Silva Arruda Camêlo  
*Universidade Federal de Campina Grande (PosLE/ UFCG)*  
E-mail: [arrudalidianne@gmail.com](mailto:arrudalidianne@gmail.com)

**Resumo:** A relação entre academia e graduado é algo ainda muito recente, dessa forma, o estudante de graduação tem pouco tempo para se preparar para o mercado de trabalho. Sendo assim, a presente pesquisa é produto de uma intervenção do estágio supervisionado no Ensino Médio, e assim, objetiva analisar as aulas ministradas pela pesquisadora em sua formação inicial. Nosso aporte teórico tem como base: Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2008), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para a sequência didática, Antunes (2003), Geraldi (2006) e Garcez (2001). Os nossos resultados apontaram que a disciplina de Estágio Supervisionado proporcionou uma reflexão sobre a aplicação da teoria na prática, e é por intermédio da intervenção que se proporciona ao graduando em licenciatura, a aproximação com o campo de trabalho que o cercará, nesse momento se faz a inversão em que o acadêmico passa a ser professor, se tornando o mediador entre o conhecimento adquirido e o aluno.

**Palavras -chave:** Formação Inicial. Estágio. Intervenção.

### **INTRODUÇÃO**

O estágio supervisionado se constitui como a maior evidência de articulação entre a teoria e prática, possibilitando aos professores em formação, contribuições para intervir na realidade do contexto escolar, de modo que, possa aperfeiçoar as práticas no processo de ensino-aprendizagem.

Ao ministrar as aulas, o estagiário pode amadurecer profissionalmente e academicamente, expandindo os seus conhecimentos, sanando suas dúvidas quanto à maneira de se portar em sala de aula, como reagir diante de diversas situações e aplicar os conhecimentos construídos durante sua vida acadêmica.

Sabendo da importância de um bom planejamento para o ensino de Língua Portuguesa, foi elaborada uma sequência didática, uma abordando conteúdos de Língua, desenvolvendo no aluno habilidades de leitura, interpretação e produção de um gênero. Partindo do pressuposto, objetivamos através dessa sequência uma condição real de leitura e produção de um gênero, na área de língua.

Como embasamento teórico, utilizaremos as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2008), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para a sequência didática, Antunes (2003), Geraldi (2006) e Garcez (2001), como fundamento ao ensino de Língua.

Sendo assim, abordaremos desde práticas metodológicas do ensino normativo e tradicional até a questão da leitura, produção e reescrita do gênero no ensino médio.

Por fim, apresentaremos reflexões significativas com base em nossa experiência como professora-estagiária, em uma turma do 1º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, reflexão esta que será desenvolvida no ponto 3 do presente artigo, analisada mediante aos aparatos teóricos propostos já listados.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO**

A discussão que acerca do papel da disciplina de Língua Portuguesa no âmbito do Ensino Médio deve envolver uma reflexão sobre o plano educativo proposto nesse nível, sendo assim, essa fase final da educação básica propõe estudos que possam se consolidar e aprofundar os conhecimentos esboçados durante o todo ensino fundamental II.

Partindo desse pressuposto, espera-se que ao final do ensino básico, possibilite que o aluno tenha a capacidade de (i) proceder em níveis mais elevados, (ii) interagir com o universo do trabalho, com capacidade para progredir se aperfeiçoando profissionalmente, e (iii) atuar, de forma consciente, na sociedade, tendo em vista as diversas práticas sociais, como aponta o OCEM (2008).

Nessa perspectiva, as OCEM (2008, p.18) preconizam que o Ensino Médio “... deva atuar de forma que garanta ao estudante a preparação básica para o prosseguimento dos estudos, para a inserção no mundo do trabalho e para o exercício cotidiano da cidadania”. Dessa forma, a Língua Portuguesa, deve propor ao estudante uma evolução nas habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.

As OCEM (2008) sugerem que nas atividades de produção e recepção de textos destacamos os estudos que valorizam o processo e desenvolvimento da língua (gem) e os que tratam das práticas sociais de produção, ou seja, uma linha interacionista, na qual se constitui uma relação homem e linguagem. Homem e homem e homem e mundo, ligados diretamente com o processo ensino aprendizagem, pois é pelas atividades de linguagem que o homem é constituído sujeito, e é através dela que ele tem condições de refletir sobre si mesmo. Para as OCEM (2008: 25), “... a língua é uma das formas de manifestação da linguagem, é um entre os sistemas semióticos construídos histórica e socialmente pelo homem.”.

Por essa razão, a escola tem a função de promover condições para que o estudante do ensino médio reflita sobre os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de socialização – atividade sociointerativa- e que possa através dessa atividade agir, transformando continuamente suas ações diante dos espaços sociais ao qual atua. Dessa forma, o objetivo de Língua Portuguesa, nesse último nível, é o de possibilitar o desenvolvimento das ações de implantação da linguagem em diversos contextos de interação.

Sendo assim, o OCEM (2008) visa para o ensino de Língua Portuguesa a ampliação do domínio do discurso, pelo aluno, nos diferentes contextos comunicativos, sendo capaz de utilizar-se da linguagem oral (produção) e escrita (ler e escrever), analisando criticamente os discursos a sua volta, inclusive o próprio, valorizando e conhecendo diversas variedades da língua, respeitando a linguagem do seu grupo social.

Ao falar de leitura, logo percebemos a importância dessa para a produção escrita dos alunos, pois como afirma Geraldi (2006, p. 108):

A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece resultado do próprio texto em si, produzido em condições específicas, mas sim resultado dos múltiplos sentidos que produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, temos novas leituras e novos sentidos por elas produzidos. Assim, ainda que o interlocutor seja o mesmo, mudamos os objetivos de sua leitura, estarão alteradas as condições de produção e, portanto, o processo. (GERALDI, 2006 p. 108)

Sobre a produção escrita, é tarefa do professor preparar o aluno para produzir e reconhecer gêneros em diversas circunstâncias de interação social, como afirma Garcez (2001, p. 14), “O texto somente se constrói e tem sentido dentro de uma prática social.”. Sendo assim, o processo de escrita tem um papel significativo na formação de indivíduos críticos diante uma sociedade letrada.

Antunes (2003, p. 45) destaca que a atividade de escrita é uma interação de expressões, nas quais há manifestações verbais de ideias, informações, intenções, crenças que nascem do envolvimento entre sujeitos, para que se construam informações pretendidas. No entanto, o que podemos observar é que na sala de aula as produções escritas se dão de maneira equivocada, “a prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor interacional, sem autoria e sem recepção (apenas para “exercitar”), uma vez que por ela, não se estabelece a relação pretendida entre linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto.” (ANTUNES, 2013, p. 27).

Percebemos que a produção escrita age como subsídio de extrema importância para o desenvolvimento crítico do aluno. Diante disso, podemos observar que tanto a leitura quanto a

escrita devem estar correlacionadas durante todo processo de ensino-aprendizagem. Espera-se que o aluno ao sair da escola seja capaz de opinar sobre diversos conteúdos, seja de forma escrita ou oral. Partindo desse pressuposto, essas práticas devem ser continuamente trabalhadas, incluindo questões de planejamento, revisão, análise linguística e reescrita.

A reescrita é um instrumento que leva o aluno de volta ao texto, aprimorando a produção inicial, portanto, é uma prática que deve ser constantemente realizada nas aulas de língua. Porém, o que mais se observa é o professor solicitando produções aos alunos sem nenhum aparato sobre como realizar a mesma, e quando os alunos terminam, essa “produção” é corrigida e entregue novamente ao aluno, já adicionada uma nota, esquecendo assim a escrita como um processo. Nessa perspectiva Geraldi (2006, p. 65) critica,

A produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem, para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota a ele)? (GERALDI 2006, p.65).

Sendo assim, muitos professores não desenvolvem um trabalho reflexivo da escrita, o que acaba acarretando um obscuro “processo” de escrita.

Cotidianamente, o que ocorre na reescrita é apenas o apontamento de erros nos textos, contribuindo que o aluno interprete que apenas a ortografia e a gramática sejam os “vilões” no processo de reescrita, pois quando o texto volta para o aluno com os consideráveis “erros ortográficos” e sem refletir, o aluno se sente incapaz, o que causa a desanimação e a frustração, acarretando em processo repetitivo e desgastante, como Antunes (2003, p. 25-26) afirma,

A prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografia. (ANTUNES 2013, p. 25-26)

Ou seja, para muitos professores o processo de reescrita está diretamente relacionado a sanar os problemas ortográficos, de maneira que, não ajudam o aluno a fazerem uma autoanálise de suas produções, para que possam rever seus meios de estudo e de condições de produção.

### **3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA**

A presente pesquisa foi desenvolvida objetivando atender à exigência do componente curricular Estágio Supervisionado III. O nosso campo de estágio foi a Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, localizada em Campina Grande - PB no bairro de Bodocongó II, que oferece uma boa estrutura física, com salas de aula limpas e arejadas, laboratório de informática e uma biblioteca que os alunos têm o acesso constante, mantendo um diversificado acervo de livros.

A nossa intervenção na área de Língua ocorreu numa turma do 2º ano Integral, na qual conta com 35 alunos matriculados, adolescentes entre 15 e 16 anos.

Em relação à professora efetiva, sempre houve uma ótima recepção por sua parte, muito prestativa. Em relação aos tivemos uma grande dificuldade de conter as conversas em sala, pois eles não estavam muito acostumados com a presença da pesquisadora.

Antes de começar a intervenção, realizamos um período de observação, -além disso, aplicamos um questionário, para os alunos, referente ao posicionamento deles ao ensino de Língua, buscando um maior conhecimento de seus gostos pessoais.

Para ministrar as aulas, foi elaborada uma sequência didática que teve como tema: “A Internet: Um olhar voltado para às redes sociais no mundo adolescente”. Com esse tema isso, procuramos levar o discente a uma formação discursiva através do gênero textual, como a produção do Artigo de Opinião ao final.

#### **4. ANÁLISE E REFLEXÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DAS AULAS DE LÍNGUA**

A nossa intervenção teve como base o planejamento de uma Sequência Didática (SD) nomeada como “A Internet: Um olhar voltado para às redes sociais no mundo adolescente”. Através dessa temática, objetivamos a discussão em relação às principais redes sociais da contemporaneidade utilizadas pelos jovens. Além de desmistificar o conceito de “certo” e “errado” na utilização da linguagem nesse meio de comunicação.

Abordamos o gênero Artigo de Opinião, trazendo para a discussão tanto a questão da sua funcionalidade, da textualidade, assim como da ortografia e da adequação vocabular, contribuindo para a formação do senso crítico e reflexivo.

Nos subtópicos que seguem, nossa atenção estará centrada na reflexão e ~~da~~ discussão das metodologias utilizadas em nossa intervenção em sala de aula, destacando, sobretudo: a

importância do elemento motivador, a abordagem do gênero e o processo de leitura, escrita e reescrita.

### I. A importância do elemento motivador

Ao iniciarmos as nossas aulas, sempre utilizamos um “elemento motivador”, como música, vídeo, dinâmica ou cartum para aguçar a curiosidade e provocar a discussão inicial do assunto a ser debatido, objetivando uma aula mais dinâmica e com um retorno muito bom por parte dos alunos.

O 1º encontro, no qual iniciamos a aula ouvindo a música “Rede Social”, da Banda Rede Social. Procuramos, inicialmente, analisar e discutir sobre a função da rede social no mundo do jovem e a necessidade de interagir constantemente com a sociedade.

Ao final da discussão, expomos alguns *logo* típicos de redes sociais, objetivando um primeiro contato, sondamos os conhecimentos prévios, elaboramos algumas perguntas sobre as redes sociais, tais como: Vocês conhecem esse *logo tipo*? Se sim, qual sua utilidade no seu dia a dia? As respostas foram as mais variadas, houve alguns que para o do símbolo da rede social whatsapp, por exemplo, responderam: “é um aplicativo que serve pra fofocar”, “é onde se paquera com o crush”, “serve para matar a saudade de quem está longe” entre outras. Ao final da aula, respondemos com eles uma atividade escrita, proposta para uma melhor fixação do que foi estudado nesse dia, está no anexo A, comentando a cada resposta e ouvindo cada colocação feita. Notamos a interação dos alunos, por meio das opiniões expostas e das suas argumentações.

Ao longo dessa primeira aula, percebemos a dificuldade, pois, mesmo os alunos sendo muitos participativos, às vezes ficavam dispersos e conversavam bastante, principalmente quando se levava a uma discussão mais profunda, ou seja, as especificidades do gênero.

Outro elemento motivador que contribuiu bastante com a nossa experiência—foi um cartum, discutido no 3º encontro, que abordava a temática da influência das redes sociais no cotidiano. Através dele, os alunos puderam se posicionar sobre a experiência própria de se “postar” tudo nas redes sociais, o que gerou um momento bastante proveitoso, tendo em vista que a turma participou bastante, o que posteriormente contribuiu para o debate do artigo de opinião “As redes sociais e sua influência na sociedade”, de Alexandre Mendes.

Por meio da exibição do cartum e da música, constatamos que esses elementos foram de extrema importância para o andamento das aulas, pois, de fato,—motivaram os alunos tanto a expor suas opiniões, como a interagir conosco, estagiárias, e com a turma.

## II. Abordagem do gênero Artigo de Opinião

Geralmente, na educação básica, o texto produzido pelo aluno é considerado uma mera atividade escolar, resultando em mera uma correção gramatical, tornando a escrita sem função, sem efeito social, considerada apenas um produto final (ANTUNES, 2003). Pensando sobre isso, oferecemos subsídios ao aluno para que ele tivesse autonomia para produzir, por exemplo.

Partindo do que já foi colocado sobre a nossa SD, o gênero artigo de opinião. Essa escolha não foi aleatória, considerando que já havia sido abordado pela professora da turma nas aulas observadas por nós. Ao mesmo tempo em que era, de certo modo, confortável abordar um assunto já conhecido pelos alunos, ficamos preocupadas com o fato de lidar com a continuidade de um conteúdo, a qual não havíamos acompanhando a introdução e boa parte do desenvolvimento.

Sendo assim, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 121), o gênero artigo de opinião está classificado no domínio social de comunicação como: um gênero de discussões de problemas sociais controversos; segundo sua tipologia, pertence à ordem do argumentar; e, remete ao envolvimento da compreensão, sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.

Dessa forma, a abordagem do gênero ocorreu no 3º encontro, intitulado “As Redes Sociais e suas informações na internet: O limite entre o público e o privado”. Iniciamos a aula lendo o artigo em anexo, refletindo sobre os efeitos e a influência dos novos meios de comunicação na sociedade e apontando as características do gênero. Questionamos quais os argumentos utilizados pelo autor, como ele se posiciona em relação ao tema abordado e qual o papel social desse gênero. Nessa perspectiva, o texto tem como função propor a reflexão, possibilitando diversas discussões (GERALDI, 2006). Com base no artigo, podemos relembrar algumas questões importantes em relação à estruturação e à função desse gênero, sempre partindo do texto, ou seja, durante a leitura, fazíamos apontamentos em relação às características do gênero e que serviriam ao aluno como base para a produção.

Diante do quadro educacional encontrado em muitas escolas atualmente, pudemos perceber o quanto ainda há resquícios do método tradicionalista nesta turma, mesmo a professora fazendo mestrado na área de atuação, por exemplo, no início das aulas de observação, sentimos uma grande indiferença dos alunos, isso era perceptível através das conversas paralelas e o uso frequente de fones de ouvido. Mas temos como uma boa experiência a mudança deles em nossas aulas, pois, no decorrer da sequência, sobretudo a partir deste 3º encontro, percebemos o quanto a nossa prática evoluiu, a partir do momento em que

possibilitamos a fala do aluno, permitindo as exposições das suas opiniões, ouvindo e questionando. Isso foram fatores que colaboraram para que eles se interessassem em aprender mais.

### III. Escrita e reescrita do gênero: reflexão e análise

Iniciamos o processo produção de um artigo de opinião, no nosso 4º encontro, visando ir de encontro ao que Antunes (2003, p. 47) “a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes.”. A priori, começamos a nossa aula retomando alguns tópicos do 3º encontro, listando com os alunos as características do gênero, sua funcionalidade e seu público alvo, entre outros pontos. Refletimos sobre o tema que propusemos “As Redes Sociais no mundo adolescente”, objetivando o aluno tornar-se crítico ao falar de pontos polêmicos da sociedade na qual ele está inserido, como é o caso do uso constante das redes sociais pelos jovens.

Embora a escrita da maioria dos estudantes contenha diversas marcas de oralidade e alguns desvios ortográficos, percebemos a utilização de expressões próprias de textos escritos formais – demonstrando que eles têm acesso a diferentes registros, embora ainda não os dominem totalmente a escrita formal. Para maior reflexão, escolhemos 3 produções realizadas pelos alunos, e discutiremos aqui 4 pontos importantes para a produção do gênero, tais como: adequação do título, contexto de produção de linguagem, estrutura e argumentação.

Iniciaremos com o 1º ponto, “adequação do título”. Ao desenvolvermos esse trabalho, falamos sobre a relação do título com o texto e a importância de um bom encadeamento de sentido entre ambos. Mesmo assim, ainda encontramos títulos como os que seguem:

Aluno 1: “Rede sociais, como distanciam pessoas?” (J.B.F.S)

Aluno 2: “A utopia digital” (J.V.M.O)

Aluno 3: “O uso obsessivo das redes sociais pelos jovens.” (P.V.A.L)

O que podemos observar nos títulos dos alunos 1 e 3 é a questão de como os estudantes se restringiram, exclusivamente, ao tema em discussão, já o aluno 2 foi ousado, entendendo a função do título, que é instigar o leitor a querer ler o texto, partindo do pressuposto, que esse gênero é classificado no domínio social de comunicação, e, nos termos de Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004, p. 121), chama atenção para o “dentro” do texto, causando a inquietação do leitor.

Tomando por base de que esse gênero precisa basear-se em uma questão de interesse e relevância social, de maneira que o autor precisa se colocar como alguém que discute a questão racionalmente, posicionando-se vejamos os fragmentos que seguem, retirados das mesmas 3

produções anteriores:

Aluno 1:

Portanto, defendo que o uso dessas redes sociais sem moderação distaciam as pessoas, de certa forma também aproxima, mas somente quando estamos distantes (J.B.F.S)

Aluno 2:

As redes sociais não só influenciam a sociedade, elas tornam a sociedade, criam a ilusão de uma utopia, onde se postam sentimentos e momentos de uma vida pintada como perfeita, só de momentos felizes, pois ninguém precisa saber como é sua vida fora da rede, não é mesmo? (J.V.M.O)

Aluno 3:

Resumindo, as redes sociais são um refúgio para os jovens e ao mesmo tempo é uma perdição, pois quanto mais tempo você fica, menos quer dedicar às outras coisas, pois acaba, mesmo que inconscientemente, adquirindo um certo medo de ser rejeitado pela sociedade, é como Nietzsche disse: “Quando você olha para o abismo, o abismo olha de volta para você. (P.V.A.L)

Observamos nitidamente, através desses fragmentos, a falta de posicionamento dos autores, podemos notar que o aluno 1 e 2, não tiveram um posicionamento de relevância social como o proposto, no entanto, o aluno 3, foi o mais além, buscando citações que sustentem sua opinião.

Partindo da noção que o artigo de opinião se estrutura por base da presença de uma contextualização do que se pretende defender, dando uma explicação da posição diante da questão defendida, usando argumentos que sustentem a opinião do autor, e finalizando o texto com uma conclusão adequada, vejamos com base nesses aspectos, analisamos alguns fragmentos de textos dos alunos, e, percebemos que a grande dificuldade é a articulação entre os pontos estruturais, vejamos abaixo:

Aluno 1

Certamente, várias pessoas precisam das redes sociais para trabalhar, se comunicar com amigos de longe, marcar eventos e por aí vai. Mas será que não estamos dando importância demais ou passando a maior parte do nosso tempo nas redes sociais? Será que estamos usando só para o necessário ou só para nos divertir no tempo livre? Claramente elas permitem a interação com pessoas, mas também o distanciamento da interação pessoal.

Quantas vezes não vemos tantos jovens quando saem em conjunto ficar no celular? até mesmo jogando, quando estamos em casa mesmo muitas vezes preferimos ficar no celular conversando, postando fotos, assistindo vídeos, porque preferir isso do que conversar com sua família, fazer laços ainda mais forte. Já vi várias pessoas saem para ficar nas redes e não para se divertir com seus amigos e família. (J.B.F.S)

### Aluno 2

A vida de todos está na rede, onde passamos as férias, os bares que frequentamos com os amigos, as roupas que vestimos, com quem “ficamos”. Vemos a necessidade de mostrar como vivemos e o que sentimos ao mundo, mesmo que o mesmo nos julgue por isso. Mas. Porque essa necessidade de mostrar ao mundo a vida que levamos? Porque isso se tornou mais que uma necessidade, uma obrigação na sociedade?

Hoje, quem não tem ao menos uma rede social, ao menos um Facebook é tratado como estranho na sociedade. É quase uma imposição social você tornar público sua vida e ideias para ser incluído nas “rodas sociais”. Mas, em maior parte, acaba sendo uma obrigação auto imposta com o objetivo de conseguir uma aprovação do que faz e sente, seguindo uma “moda” ditada por aqueles a quem seguem.” (J.V.M.O)

### Aluno 3

Quanto tempo, em média, os jovens de hoje em dia passam nas redes sociais? Qual o motivo de todo este tempo gasto? No que poderiam melhorar caso eles relacionassem metade desde tempo para outras coisas?

De acordo com pesquisas, os jovens passam cerca de três à cinco horas em redes sociais por dia, contando também com a madrugada – que deveria ser dedicada para o descanso – tempo este que é geralmente gasto “postando” fotos, editando seu “status” (sobre o que se sente, o que está fazendo, etc), entre outras coisas.

Um jovem possui dificultando nos estudos, porém, ao chegar em casa, vai direto para computador “visitar” suas redes sociais, as quais ele fica durante cinco horas e o resto do tempo fazendo coisas adversas. Se o mesmo dessas cinco retirasse ao menos uma hora para estudar, suas notas poderiam melhorar.

As redes sociais servem como um “libertador de stress” para alguns jovens que não tem com quem “desabafar” sobre seus problemas. Lá é um local onde podemos retirar nossas “máscaras” e sermos nós mesmos sem o medo rejeitados pelos “amigos”. (P.V.A.L)

Através desses fragmentos percebemos a dificuldade dos alunos para formularem uma sequência argumentativa coerente, por exemplo, o texto dos alunos 1 e 2 notamos problemas de concordância, regência, falta de encadeamento textual contendo idéias confusas. Já no texto do aluno 3, ainda há problemas textuais, no entanto, percebemos a questão dos argumentos mais presentes e observamos também a apresentação do tema mais coerente.

Partindo de vários problemas de escrita apresentados, propomos uma atividade de reescrita, visando à importância da reescrita para o processo de produção textual, como Garcez (2001, p. 125) afirma que “ao revisar o texto produzido você terá a oportunidade de reconsiderar uma série de decisões tomadas no início da produção.”. Sendo assim, ao pedirmos a reescrita no 5º encontro, elaboramos uma atividade (em apêndice) formulada através dos problemas que observamos nas produções, selecionamos alguns fragmentos dos textos e debatemos os problemas encontrados, com a turma. Ao começarmos a explanação, observamos uma grande

busca por partes dos alunos, diversos questionamentos e percebemos que os alunos se dedicaram bastante a aula.

Em síntese, o trabalho com o gênero artigo de opinião e sua reescrita é bastante complicado, dada a sua falta de especificidade, e de falta de subsídios no decorrer do nosso curso, por exemplo, como trabalhar escrita e reescrita na sala de aula em situações reais, antes de chegarmos a um estágio. Essa experiência, principalmente o trabalho de reescrita, no qual sentimos muita dificuldade, nos mostrou que não devemos nos prender apenas aos fatores gramaticais e ortográficos, pois a abordagem de temas polêmicos, favorecida por esse gênero, exige, também, o trabalho com as ideologias presentes nas produções, tarefa esta que exige um longo e incessante processo; a oportunidade de reescrita dos textos pelos alunos proporcionou a ocasião para discutir tais problemas.

## CONCLUSÕES

A experiência adquirida com o Estágio Supervisionado III nos proporcionou uma reflexão sobre a aplicação da teoria na prática, através dessa reflexão, foi possível ministrar as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

É por intermédio da intervenção que se proporciona ao graduando em licenciatura, a aproximação com o campo de trabalho que o cercará, nesse momento se faz a inversão em que o acadêmico passa a ser professor, se tornando o mediador entre o conhecimento adquirido e o aluno.

Percebemos que o ensino tradicional de Língua Portuguesa em qualquer ciclo/série é enfadonho, principalmente quando o professor não possui uma didática boa ou metodologias que prendam a atenção do aluno para o que está sendo explicado. Dessa forma, esse estágio III, nos proporcionou uma experiência grandiosa, desde a preparação da sequência até a programação das aulas, que nos fez crescer profissionalmente, pois nos ajudou a abolir a sistematização das aulas de Língua e Literatura.

Foi possível aplicarmos leituras que fazem parte do cotidiano do aluno e de forma conjunta estudar características estruturais e linguísticas, tanto da parte de Língua, não processo da produção do Artigo de Opinião.

Portanto, é possível formar leitores com aplicação de metodologias que chamem a atenção do aluno, que os convidem a participarem das aulas e que dessa forma possa aprender o que lhe foi passado, construindo conhecimentos através das discussões que são realizadas nas aulas por meio de textos que contemple os temas atuais e que façam parte do seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2008.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros textuais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de Redação: O que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.